

PEDAGOGIA DE SCHOENSTATT: ABORDAGENS E INOVAÇÕES EDUCACIONAIS PARA CONTEXTOS ESCOLARES.

Rosana Lopes¹

1. CONTEXTO CONTEMPORÂNEO

Tomo como referencia para caracterizar o contexto contemporâneo um dos intelectuais mais respeitos da atualizada Zygmund Baumann, sociólogo polonês que apresenta várias obras com marcos críticos a respeito da vida e das relações humanas na atualidade.

Para Baumann (2001) a vida contemporânea está caracterizada por incertezas, e por uma humanidade cada vez mais individualizada e privatizada. Os indivíduos perderam a noção da amplitude do tecido social ao qual pertencem, assim tentam soluções individuais para problemas coletivos.

Em um mundo de incertezas, a individualidade prevalece. Assim, os relacionamentos, os vínculos as amizades são instáveis, e mantidas como trocas comerciais. Esperamos obter lucros e vantagens nos relacionamentos humanos. De acordo com Baumann, transformamos as pessoas em mercadorias (BAUMANN, XXX).

Não amamos mais, nos conectamos ao outro, e com muita facilidade nos desconectamos. Os relacionamentos longos, os compromissos coletivos estão desaparecendo. Somos um bem de consumo, confundimos projetos coletivos, acordo comuns com mensagens no WathsApp. Nossa manifestação de felicidade, o sorriso, ou até mesmo as lágrimas, resumiu-se ao "curtir" ou aos emojis.

Para Baumann (2001) vivemos em uma sociedade de "descartabilidades". O que para o autor, condena a humanidade a não saber mais o significado da essência da vida, a busca da felicidade.

"Para ser feliz há dois valores essenciais que são absolutamente indispensáveis [...] um é segurança e o outro é liberdade. Você não consegue ser feliz e ter uma vida digna na ausência de um deles. Segurança sem liberdade é escravidão. Liberdade sem segurança é um completo caos. Você precisa dos dois. [...] Cada vez que você tem mais segurança, você entrega um pouco da sua liberdade. Cada vez que você tem mais liberdade, você entrega parte da segurança. Então, você ganha algo e você perde algo". (ZYGmund, S/D)

Este contexto descrito por Baumann foi denunciado por Kantenich em 1912, no documento de pré-fundação de Schoenstatt afirma:

¹ Pedagoga. Doutora em Educação e Currículo – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora Adjunta do Departamento de Educação da Universidade Estadual de Londrina.

Não é necessário conhecimento extraordinário do mundo e dos homens, para ver que nosso tempo com todo o seu progresso e suas múltiplas descobertas, não consegue livrar o homem do vazio interior. Toda a atenção e atividade têm por objeto exclusivamente o macrocosmo, o grande mundo - o mundo fora de nós - Realmente, não cessaremos de admirar o gênio humano que dominou as poderosas energias da natureza e as colocou a seu serviço. Ele vence todas as distâncias, sonda as profundezas do mar, perfura as cadeias de montanhas e voa pelas alturas do espaço sideral. A tendência de pesquisar e conquistar impulsiona sempre mais para frente. Descobrimos o Polo Norte, penetramos os continentes desconhecidos, iluminamos nosso esqueleto com novos raios; o telescópio e o microscópio desvendam diariamente novos mundos. Porém, apesar de tudo, há um mundo sempre antigo e sempre novo — o microcosmo — o mundo no pequeno, nosso próprio mundo interior permanece ignorado e desconhecido.

As afirmações apresentadas por Kentenich, neste documento, podem nos levar a duas considerações: a primeira consideração é que o processo educativo, para o pensador, diante de um contexto de avanços científicos, à época extraordinário, conduzia a instituições escolares, a consideram a educação escolar somente como domínio científico; o que ainda hoje prevalece. A segunda consideração, é um alerta, ele aponta a educação como o caminho de construção de novas relações humanas, que assegure o aperfeiçoamento humana por completo. O que ele denominará de conquistas do microcosmos e do macrocosmos. Neste sentido Kentenich (1912) afirmar:

Não há alternativa! Ou avançamos ou retrocedemos. Retrocedamos! Então teremos de remotar à Idade Média, arrancar os trilhos, cortar os fios do telégrafo, rejeitar a eletricidade, devolver o carvão às minas, fechar as universidades! Não. Jamais consentiremos em tal atitude! Isto não nos é permitido. Nunca haveremos de agir desta forma.

Bauman (2003), em sua obra “modernidade líquida”, apresenta três elementos para a compreensão da contemporaneidade: a dissolução de pontos de referencia (família, governo, religião) que traziam na modernidade uma estabilidade ou solidez para construção da vida individual e coletiva; desaparecimento de vivencias coletivas e a busca frenética pelo eu, e a auto satisfação; a busca da liberdade entendida como “liberdade consumidora” que proporciona ao indivíduo o sonho de felicidade “consumir”. O que culmina, para o autor na produção de uma sociedade em que as coisas e mercadorias são mais importantes do que as pessoas e suas vidas.

A contemporaneidade apresenta uma escola com estas marcas, o que provoca imensas dificuldades, já que a essencialidade da escola é a vida social, educandos os sujeitos, não para si, mas para o mundo. O tecido social, o que Severino (xxx), chama de placenta social, que nutri o indivíduo é a razão de ser das instituições escolares. Ao contrário, estamos em um fase aguda de privatização e

individualização. Qual é a saída?

Kentenich (1912) apresenta a construção de um processo educativo sustentado pelo dois eixos da vida humana: o eu e nós. A proposta é uma construção coletiva de aprendizagem sustentada por ações particularizadas; ou seja a construção de processo coletivos de aprendizagem (objetivos) sustentado por ações individuais (subjetivas) em que há uma espécie de rede colaborativa de aprendizagem tecida pelas relações (intersubjetividade).

kentenich(1912):

Queremos aprender. Não somente vós, eu também. Aprenderemos uns com os outros, pois nossa aprendizagem nunca há de cessar, principalmente em se tratando da arte da autoeducação, que é obra de toda a nossa". (KENTENICH, XXXX)

Para as crises contemporânea Kentenich (1912) posiciona-se: "A autoeducação é imperativo do tempo". Kentenich ao utilizar a palavra imperativo, sugere a nós o entendimento de "ordem do tempo", no entanto, se retomarmos o documento, e considerarmos o contexto, início do século XX, e a forma adotada por Kentenich para ministrar a sua aula "nós", "desejamos". Percebemos que Kentenich adota o diálogo como estratégia principal para aquele trabalho. Neste, sentido o autor ao afirmar aos jovens que a educação, a autoeducação é o imperativo do tempo, também a significa como pedido e desejo para um mundo melhor.

Por isso, avante! Avancemos nas pesquisas e conquistas de nosso mundo interior, através da autoeducação consciente. Quanto mais progresso exterior, tanto mais' aprofundamento interno. Este é o brado, a senha difundida por toda a parte, não somente no campo católico, mas também no setor inimigo. Também nós, de acordo com nossa formação, queremos incluir-nos nestas aspirações modernas. (KENTENICH, XXXX)

Ele não nega os avanços e mas deseja o aperfeiçoamento da natureza humana.

No futuro não nos deixaremos suplantar por nossos conhecimentos, mas nós os dominaremos. Não haverá de acontecer que dominemos diversas línguas estrangeiras, impostas pelo programa escolar, e permaneçamos grandes ignorantes no conhecimento e compreensão da linguagem do coração. À medida que penetramos com visão profunda nas forças que atuam na natureza, temos igualmente de alcançar maior compreensão para enfrentar as energias elementares e os poderes demoníacos do nosso interior. O grau de nosso progresso nas ciências tem de ser acompanhado de igual aprofundamento interior e crescimento espiritual. Do contrário, cavar-se-á em nossa alma imenso vazio, tremendo abismo que nos tornará imensamente infelizes. Por isso, autoeducação!

Kentenich, indiretamente no documento em 1912, apresenta uma

novo conceito de educação, para a época e que ainda permanece novo no contexto contemporâneo.

2. CONCEITO DE EDUCAÇÃO EM SCHOENSTATT.

Kentenich ao longo de sua exposição em 1912, revela o entendimento de educação como a capacidade coletiva de aprender, criar e adaptar-se a novos contextos, e, ao mesmo tempo, a capacidade individual de autoconhecimento e autoeducação aos estudantes. O autor apresenta um conceito de educação escolar que não concentram-se em um tempo determinado, mas para estende-se para a vida; não se constitui apenas no domínio de conhecimentos científicos, concentra-se no desenvolvimentos de habilidades e competências para a vida, na formação moral; e adota como estratégia principal o trabalho com as potencialidades e fragilidades individuais, estas tornam-se elementos essenciais para a construção dos processo coletivo de aprendizagem em Schoenstatt.

Queremos aprender. Não somente vós, eu também. Aprenderemos uns dos outros, pois nossa aprendizagem nunca há de cessar, principalmente em se tratando da arte da autoeducação, que é obra de toda a nossa vida. (KENTENICH, 1912 p. xxx)

Destaco aqui o trabalho com as fragilidades individuais, Kentenich (1912), adota o “erro”, o “frágil”, a “falha” como principal elemento da sua pedagogia. O processo educativo é uma relação vital, cíclica e ascendente do indivíduo para o coletivo. Este conceito de educação sustenta-se pelo princípios do trabalho coletivo, do entendimento do poder do educador como serviço, e da aprendizagem como atividade personalizada, do erro como elemento positivo no processo escolar.

2.1 Trabalho Coletivo

O ato de educar em Schoenstatt é expressão das formas coletivas encontradas para a sustentação da vida, a postura de Kentenich, desde 1912, é reveladora do entendimento de que a pedagogia de Schoenstatt é constituída de ações e objetivos ligados à promoção da vida, intencionado pelo coletivo, é um conjunto de ações humanizadoras, entendendo humanização como um processo possibilitar ao indivíduo, o desenvolvimento de capacidades e características favorecedoras da sua vida, que é um bem coletivo.

De acordo com Freire (2002), a promoção de sujeitos dignos, conscientes e livres requer, além da consciência do inacabado, dignidade,

intencionalidade e autonomia.

Kentenich (1912), sintetiza esta postura ao demonstrar por meio de suas palavras e atitudes a intencionalidade do processo educativo escolar como favorecedor da vida individual, para e na vida coletiva. Acentua a dignidade e autonomia como construção coletiva dos sujeitos para a comunidade. Sintetiza esta postura ao afirmar: “um novo homem numa nova comunidade é desde sempre o meu ideal; é um ideal quase inato.” (...)J.kentenich, Palestra em 12.3. 1949 (ASM-AR).

Todo o documento de Pré-Fundação (1912), nega que a educação é uma processo à revelia dos educandos. Ao contrário, o processo educativo envolve educandos e educadores nas determinações de suas trajetórias de vida e suas histórias, kentenich ao dialogar com os estudantes seminaristas possibilita a estes assumir corresponsabilidades pelos seus processos educativos.

O ato educativo é constituído nas tensões entre regulação e emancipação dos sujeitos, entre aprendizagem individual e coletiva, entre a intencionalidade dos sujeitos e da comunidade.

Precisamos aprender a arte de educar-nos. Urge educar a nós mesmos e educar-nos com todas as nossas capacidades. Mais tarde veremos quais são estas faculdades e qual o objeto material de nossa autoeducação. Temos de educar-nos caracteres firmes, sólidos. (KENTENICH, 1912 p. xxx)

A defesa da educação como construção coletiva, defendido por Kentenich (1912), revela a dimensão política seu pensamento. Kentenich inaugura no documento de pré-fundação (1912) o compromisso sociopolítico da educação de Schoenstatt para o mundo, pelo entendimento da educação como um processo permanente de reflexão coletiva e individual que envolve uma postura diagnóstica do contexto social e de si e a possibilidade de aproximar a comunidade escolar e os educandos da concretização de seus objetivos coletivos e pessoais.

A educação em Schoenstatt é uma construção coletiva é constituído pelos acordos, princípios e objetivos estabelecidos pelos sujeitos que compõem a comunidade escolar, como também pelos limites estabelecidos por estes mesmos sujeitos. Neste sentido, as condições para a construção de uma educação de qualidade possuem consonância com as possibilidades e os limites que uma comunidade possui para idealizar e vivenciar os seus projetos pessoais e coletivos.

Assim o exigem nosso ideal e as aspirações de nosso coração; exige-o nossa sociedade, os que convivem conosco e especialmente aqueles com quem iremos realizar nossas atividades futuras. Como sacerdotes precisamos exercer influência profunda e eficaz em nosso ambiente. Haveremos de

obtê-la não pelo fulgor de nossa sabedoria, mas pela força e riqueza interna de nossa personalidade. (KENTENICH, 1912 p.)

A pedagogia de Schoenstatt, como construção coletiva, tem os sujeitos como ponto de partida e comunidade como ponto de chegada. A autoeducação é um processo pedagógico que colabora na consolidação de uma comunidade educada, portanto a educação escolar é o espaço e o tempo para possibilitar aos sujeitos a construção de seus próprios processos educativos, que para kentenich (1912, p.) “nunca há de cessar, principalmente em se tratando da arte da autoeducação, que é obra de toda a nossa vida”.

O documento de pré-fundação (1912), pode ser reconhecido como uma convite aos estudantes, para tomarem decisões coletivas que atendam às necessidades e demandas de um projeto social e, ao mesmo tempo, aos seus anseios particulares, corresponsabilidade.

As relações estabelecidas entre projeto coletivo e projeto pessoal são dinâmicas e complexas, não se restringem às influências de via única, ao contrário se retroalimentam e formatam o sentido da educação, superando inclusive a ideologia das competências técnicas que sugerem distinções entre o pensar e decidir, e o executar nos processos escolares.

Estas relações envolvem saberes e poderes e possuem radicalizações nas verdades que compõem e sustentam o contexto histórico e social, e nas formas e verdades vivenciadas pelos sujeitos, no microcontexto da comunidade escolar e no macrocontexto social; é um campo de tensões entre os desejos e poderes do coletivo e do indivíduo. Os sujeitos envolvidos nas ações de ensino e aprendizagem personificam as ações educativas, tornando, assim, cada aprendizagem uma história única, um momento único no tempo, uma ação singular, e coletiva.

A pedagogia de Schoenstatt, ao posicionar-se como construção coletiva, revela escolhas, revela o descarte de possibilidades não adotadas e anseios, valores e objetivos humanos, conscientes e inconscientes pretendidos, ou seja, o currículo escolar, rompe desde 1912, o conceito de neutralidade.

Sacristán (1998, p. 26) aponta: “O currículo que num momento se configura e objetiva como um projeto coerente, já é por si o resultado das decisões que obedecem a fatores determinantes diversos: culturais, econômicos, políticos e pedagógicos.” Ou seja, não se trata de um artefato cultural neutro; ao contrário, a rede da vida está em construção, as relações humanas são permeadas por uma rede social produtiva de poder, um campo de tensões.

Posicionar a Pedagogia de Schoenstatt, como construção coletiva significa atentar-se ao contexto social dos educandos. A rede social molda os sujeitos, fabrica corpos disciplinados (FOUCAULT, 2007) e também possibilita conscientizar-se das verdades estabelecidas e/ou impostas, estabelecer conflitos e contradições, e alterá-las, ou melhor, (re)construí-las. Ao educador, no caso de 1912, a Kentenich, coube apresentar-se como mediador do processo educativo, construído pelos próprios educandos, o que implica possibilitar ao educando a descoberta de si como humano, sendo seu valor básico a dignidade de ser pessoa, consciente e livre.

A atividade de ensinar apresentado por Kentenich, ao logo de sua vida, é mediar as tensões entre os projetos individuais de seus educandos e as necessidades dos projetos sociais objetivando uma sociedade mais digna e justa, e portanto, a proposta de ensinar em Schoenstatt, é reconhecer que os processos educativos são plissados de imprevistos não explícitos, que surgem na emergência do choque de interesses das individualidades e da sociedade, o que em muitos casos conduz as pessoas a desenvolver a capacidade de renunciar aos seus desejos, sonhos e planos. A aprendizagem, para uma ação coletiva, a construção de uma nova comunidade mais justa e digna requer um educação também para a renúncia.

Estou inteiramente à vossa disposição com tudo o que sou e tenho: com meus conhecimentos e capacidades e com minhas limitações; mas, sobretudo vos pertence o meu coração. Na realização de minha ideia predileta aplicarei somente o tempo que me sobrar. (KENTENICH, 1912 p.)

Kentenich, ao interromper seus projetos pessoais em 27 de outubro de 1912 e em 20 de setembro de 1941 para atender a determinações externas a sua vontade, revela em sua vida a capacidade de renunciar e servir a outros e a comunidade.

A organização da educação quando objetiva a promoção da vida, não está isenta de disciplinarização, normatização e controle. A escola, entendida como instituição social, é o local onde os sujeitos se submetem e são submetidos também aos processos de adequação às normas sociais. Kentenich, não nega a figura da autoridade e a necessidade de uma organização. Ao contrário, aponta a necessidade e a confirmar: Intencionamos criar essa organização. Nós — não eu. Neste sentido não farei nada, absolutamente nada, sem vosso pleno consentimento. (...) Estou convicto de que seremos aptos para realizar obra útil, se todos cooperarem. (KENTENICH, 1912 p.)

Desde 1912, o poder na pedagogia de Schoenstatt é um serviço

compartilhado. Os sujeitos da comunidade educativa são sujeitos sociais portadores de poder e construídos de verdades que alimentam este poder. Para Dussel (2007), o poder traduzido em *vontade de viver*; para Foucault (2007), o poder como ação produtiva, que estabelece verdades, favorece a criação de estratégias (*normatização e disciplinamento*), que possibilitam a vida.

Espero que nos compreendamos bem, empenhamos todos os esforços para alcançar nosso objetivo do modo mais perfeito possível. (KENTENICH, 1912 p.)

2.3 Schoenstatt: poder como serviço

Espero que nos compreendamos bem, emvidando todos os esforços para alcançar nosso objetivo do modo mais perfeito possível. (KENTENICH, 1912 p.)

O diálogo que Kentenich estabelece com seus educando a partir de 1912 o empoderamento dos educandos. O autor, reconhece diante dos seus educando que o poder está nele e entre eles. É a partir desta postura que o Kentenich possibilita aos estudantes sentirem-se permeados de poder, e possuidores de poder. A expressão “Queremos aprender. Não somente vós, eu também (1912 p.) revela um postura de serviço, de humildade e o reconhecimento de que como educador sua atividade é partilhar poder com seus educandos.

Kentenich (1912) considera que os educandos são originalmente comunitários, ou seja, não há necessidade de esforços para tornar um indivíduo sujeito comunitário, o indivíduo é a comunidade, faz-se pela comunidade e, ao mesmo tempo, constitui a comunidade. Esta condição, de fazer-se pela comunidade, envolve o que é comum, o comum entre sujeitos é a *vontade-de-viver*. A comunidade faz o sujeito porque produz a vida, e o sujeito, sendo parte da comunidade, colabora para a continuidade da produção da vida.

Este fazer-se e ser feito pela comunidade é descrito por Dussel (2007), por três conceitos: objetivação, subjetividade e intersubjetividade. A objetivação seria o campo do comum, do coletivo, do público; neste caso, as instituições, o estado, ou seja, as estratégias que a comunidade cria para efetivação de seu objetivo. A subjetividade é o que constitui o sujeito, o que compõe o “eu”. A intersubjetividade seria o campo de relações entre os sujeitos subjetivos.

Kentenich (1912), estabelece um processo educativo em que o subjetivo (sujeito) é construído nas relações intersubjetivas que ocorrem no campo

objetivo, público ou no campo privado, o particular. Há relação cíclica e produtiva entre os campos da objetivação e da subjetividade, como também vital para o sujeito e para a sobrevivência da comunidade. Essas relações intersubjetivas moldam e nutrem sujeito e comunidade e são construídas sob tensão das vontades; neste caso, o poder.

O poder estaria nos sujeitos e atuaria como uma força a favor da vida do sujeito (potência) e da existência da comunidade, justificando a existência das instituições objetivas (*potesta*). Essa posição distancia de análises que postulem a unilateralidade do poder como uma força exercida por uma instância maior sobre sujeitos, que, neste caso, os tornaria reféns desta força centralizadora. Neste sentido a pedagogia de Schoenstatt, alinha-se ao poder apresentado por Dussel (2007) O poder é a *vontade-de-viver*.

o objetivo de toda atividade (política) humana é poder viver e esta possibilidade de viver têm o mesmo direito todos aqueles que a natureza trouxe. Por isso, deve-se fazer a divisão acima de tudo, de tal maneira que todos disponham dos meios suficientes para subsistir. Viver é deixar viver. (DUSSEL, 2007, p. 78).

Kentenich (1912) estabelece elos entre vida, vontade, liberdade e poder, para acentuar o poder como exercício, no sentido de cumprir a vontade da comunidade, no sentido de que caberia ao educando, auto-educação como exercício favorecer da vida, desde que os caminhos traçados sejam fruto dos acordos promovidos e estabelecidos pelos sujeitos para a comunidade.

Aprenderemos uns dos outros, pois nossa aprendizagem nunca há de cessar, principalmente em se tratando da arte da autoeducação, que é obra de toda a nossa vida. Queremos aprender não somente em teoria, dizendo que isto deveria ser feito assim; agora está bom ficou bonito, etc. Tal sistema teria pouco valor para nós. Precisamos aprender também de modo prático, pondo mãos à obra todos os dias e em todas as horas. (KENTENICH, 1912 p.)

Kentenich, estabelece elos entre o poder e a vida, e torna o exercício do poder uma estratégia humana para manutenção da vida. O ato de governar significa *serviço à vida do povo*. A respeito disso, Dussel (2007, p. 39) diz: “quem quiser ser autoridade – faça-se servidor”. Servir significa executar a vontade do povo; desta forma, o fundamento do poder político é a vontade do povo. Kentenich (1912) afirmar: Estou inteiramente à vossa disposição com tudo o que sou e tenho: com meus conhecimentos e capacidades e com minhas limitações.

O poder do governante vincula-se ao poder da comunidade. Isto posto, o poder do governante é dependência e serviço à comunidade, a sua existência é fruto do poder dos sujeitos. O autor diz ainda: “o que manda é o representante que

deve cumprir uma função de *potestas*. É eleito para exercer delegadamente o poder da comunidade; deve fazê-lo em função das exigências, reivindicações, necessidades da comunidade”. (DUSSEL, 2007, p. 39).

A execução do “servir” do governante, sobre estas balizas, se concretiza como ação eficiente, a educação torna-se uma instância que possibilita a criação dos procedimentos (que a comunidade acredita ser o melhor) e também é instância normativa (que o educador precisa para promover a vida), e a comunidade deve executar e/ou obedecer (reflexivo). Educar para Kentenich (1912), é obedecer a comunidade é, em primeira instância, um exercício de autosserviço, de autoeducação.

Se o poder é o exercício do dominador, não pode ser legítimo. Ou a legitimidade é aparente [...]. E se há dominação não há adesão subjetiva de legitimidade, portanto ela é aparente. E o mais interessante é que a dominação exige obediência. Então, o cidadão obedece a uma dominação que aparece legítima. É toda uma quantidade de máscaras que vão ocultando o tema. (DUSSEL, 2006).

As relações de poder estabelecidas por Kentenich (1912), ganham coerência por meio do entendimento e da prática do poder delegado por sujeitos que vivenciam e constroem suas vidas a serviço e em atendimento ao “consenso”, ao *comum acordo* comunitário. Conforme Dussel (2007), poder delegado é afirmação da vida, legitimidade, acordo.

Intencionamos criar essa organização. Nós — não eu. Neste sentido não farei nada, absolutamente nada, sem vosso pleno consentimento. Não se trata dum trabalho para o momento, mas de organização que sirva para todas as gerações futuras. Vossos sucessores alimentar-se-ão de vosso zelo, de vosso conhecimento das almas, de vossa prudência. Estou convicto de que seremos aptos para realizar obra útil, se todos cooperarem. (KENTENICH, 1912 p.)

Kentenich(1912) apresenta aos estudantes a possibilidade da escolha, do exercício da participação. Esforça-se para mediar a construção de acordos comuns, de vontades comuns, de possibilidades do exercício de participar na constituição de suas vidas, o poder da escolha e da construção da liberdade.

O “comum” para constituição do consenso é a vida; desta forma, é possível afirmar que a vida faz a comunidade e move a criação de mecanismo que garantam a sobrevivência ou a melhoria da vida. A contribuição Kentenich (1912) é valiosa, ao retomarmos Dussel (2007, p. 32) quando afirmar que “O poder é uma faculdade, uma capacidade que se tem ou não se tem, mas com precisão nunca, se toma”. A estratégia, lançada por Kentenich é a busca do consenso, e tornar-se

autoridade diante dos estudantes, justamente por buscar o consenso objetivando administrar as tensões entre intersubjetivas e objetividades.

Tudo poderá vacilar em nós. Sobrevirão momentos de vacilação total. Em tais ocasiões os exercícios religiosos não mais nos auxiliarão. Uma coisa somente nos poderá valer: os nossos princípios. Urge sermos caracteres firmes. Devemos ser caracteres livres. Deus não quer escravos de galera, mas remadores voluntários. Arrastem-se os outros diante de seus superiores, para lambe-lhes os pés e mesmo agradecer quando forem pisados. Nós estamos bem conscientes de nossa dignidade e direitos. Acedemos à vontade de nossos superiores, não por medo ou coação, mas porque livremente o queremos, pois todo ato de submissão razoável nos torna interiormente livres e autônomos. (KENTENICH, 1912 p.)

O consenso sugere que vontade e liberdade são elementos necessários para que, nas relações intersubjetivas, um campo de tensão entre o desejo da vida seja estabelecido. O poder é o exercício da tensão, construído no campo da liberdade em que sujeitos moldam-se e constroem caminhos comuns, metas comuns, acordos mútuos de cooperação e renúncias a favor da vida. O exercício de construir acordos, ao mesmo tempo em que molda os sujeitos, justifica a existência de instituições, da política, da objetivação e favorece a autonomia.

O consenso deve ser um acordo de todos os participantes, como sujeitos, livres, autônomos, racionais, com igual capacidade de intervenção retórica, para que a solidez da união, das vontades, tenha consistência para resistir aos ataques e criar as instituições que lhe dêem permanência e governabilidade. (DUSSEL, 2007, p. 27).

O documento de Pré-fundação de Schoenstatt, é expressão do consenso; portanto, é política. “A política é acima de tudo uma ação em vista do crescimento da vida humana da comunidade, do povo, da humanidade!” (DUSSEL, 2007, p. 78). Assim, qual é o bem comum previsto na Pedagogia de Schoenstatt? A vida. Quais são as ações? O estabelecido, intencionado, no campo das tensões, entre liberdade, vontades subjetivas e projeto coletivo. Neste contexto a educação é uma força produtora da vida e, portanto, transformadora das pessoas e das instituições, um espaço de exercício do poder coletivo, porque é geradores da vida coletiva e individual.

Ao contrário, o sentido negativo do poder seria a execução do desacordo, a não obediência do executor, o não servir, a obediência deslocada do objetivo, a alienação. O exercício do poder que manda mandando, o agir sobre o outro, tendo como referência não o outro, mas a si mesmo, para Dussel (2007) é *fetice e corrupção*.

De acordo com Dussel (2007), a escola insere-se nestas instituições necessárias, e também como campo fecundo para a fetichização do poder, para a execução de ações a favor de si, a autorreferência. Em um campo objetivado, como a escola, em que a heterogeneidade tem um tom predominante, é preciso olhar a vida e observar como estão sendo estabelecidas a obediência à vontade da vida. Há possibilidades de reinvenção da escola? Em Schoenstatt esta reinvenção constituiu-se em garantir a comunidade escolar autoeducar-se no sentido de estar atento às necessidades que garantam a vida da comunidade a compreender que os erros e limitações são os principais motivadores do processo educativo.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O caminho de autoconhecimento leva à descoberta de uma verdade fundamental, capaz de marcar a vida inteira e de exercer uma imensa força formadora. (Kentenich, 1936).

Erros e limitações humanas para Kentenich, ao longo de sua vida, foram os elementos principais para a construção de sua obra e vida. O educador deve possuir profunda consciência de responsabilidade e desprendimento de si. (KENTENICH, S/D). É a partir deste elemento e da crença na capacidade humana que o autor elabora um sistema educacional. O que chamamos de estrelas condutoras da pedagogia de Schoenstatt, sendo elas: aliança, confiança, vinculação, ideal e movimento, constituem-se os eixos pedagógicos de Schoenstatt.

O Ideal é uma pedagogia de atitude, da formação moral, como personalidade única e, portanto, com objetivos pessoais de vida em relação à sociedade. Conduz o educando a construção do seu compromisso social.

A Confiança possibilitar vivências de confiança mútua entre educadores e educandos, favorecer processos de descobertas de si e do outro, inclusive de capacidades e incapacidades.

O Movimento consiste Schoenstatt, que a vida surge da emergência dos fatos do imprevisível, e que muitas vezes estes acontecimentos tornam-se fontes de aprendizagem.

A Vinculação reconhecer que o processo educativo é constituído de vínculos entre educandos e educadores, de interesses comuns do encantamento pela vida de compromissos mútuos.

A Aliança propõe que o relacionamento do educador com o educando se processa nos moldes de uma Aliança de Amor. Esta Aliança de Amor funciona na maneira de um mútuo dar e receber. O ponto de partida desta aliança é Maria, Mãe

de Deus, causa exemplar do ser humano profundamente impregnado da graça divina.

Estes eixos pedagógicos consideram o erro elemento positivo no processo escolar, consideram a educação como um processo permanente de busca do aperfeiçoamento pessoal que contribua para a sociedade e a concretização do compromisso social de educadores e educandos.

BIBLIOGRAFIA

BAUMAN, Zygmunt. **La Sociedade Sitiada**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Economica, 2008.

_____. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2001.

DUSSEL, Enrique. **Ética da libertação: na idade da globalização e da exclusão**. 2. ed. Tradução de Epharaim Ferreira Alves, Jaime A Clasen e Lúcia M.E. Orth. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. **20 teses de política**. Tradução de Rodrigo Rodrigues. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

KENTENICH, José. **Documentos de Schoenstatt**. Santa Maria/ RS: Ed. Pallotti, s/d.

_____. **A imagem cristã do homem**. Santa Maria. Ed. Centro Mariano. 1962.

_____. **Linhas Fundamentais de uma Pedagogia Moderna para o Educador Católico**. Santa Maria: Palloti, 1984.

_____. **Minha Filosofia de Educação**. Tradução: Irmãs de Maria de Schoenstatt. Santa Maria-RS, 1997.

_____. **Que se faça o homem novo**. Santa Maria. Ed. Centro Mariano. 1999.

_____. **Padre José Kentenich**. Coleção Tabor. Santa Maria/ RS, 2006. Manuscrito não publicado.

SACRISTÁN, José Gimeno. **O currículo: uma reflexão sobre a prática**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Educação, Sujeito e História**. São Paulo: Olho d'Água, 2002.